



Nesse instante, o céu da pátria ficou oculto pela bandeira estrelada, que depois iria ser um manto sobre a multidão na praça

# Brasília <sup>48</sup> vê Tancredo no palácio

**Brasília** — O Presidente Tancredo Neves, finalmente, subiu a rampa do Palácio do Planalto. Exatamente às 17h45min. Carregado por três pares de cadetes da Marinha, do Exército e da Aeronáutica, o caixão com o corpo do Presidente venceu a rampa de 50 metros de extensão e ingressou no Salão Nobre, onde será velado até 10h de hoje.

Fora do palácio, uma multidão calculada em 300 mil pessoas acompanhou a cerimônia em silêncio contrito, só quebrado quando uma voz gritou "viva o Presidente" e os aplausos irromperam fortes. Acabara, há pouco, uma salva de 21 tiros de canhão, disparados no gramado em frente ao palácio.

Chegara ao fim o cortejo que durou quatro horas e que se arrastou entre o Aeroporto de Brasília, onde o esquife desembarcou às 13h40min, vindo de São Paulo, e a Praça dos Três Poderes — ali, além do Palácio do Planalto, ficam o Congresso Nacional e o Supremo Tribunal Federal.

## Cortejo

O boeing presidencial conduzindo o corpo do Presidente Tancredo Neves pousou na Base Aérea de Brasília às 13h40min, depois de sobrevoar a cidade escoltado por caças Mirage. O Presidente José Sarney chegou ao local 15 minutos antes, dirigindo-se à pista quando o avião estacionava diante do tapete vermelho por onde passaria o esquife.

Dona Risoleta Neves, acompanhada do Governador de São Paulo, Franco Montoro, foi a primeira a desembarcar. Recebida ao pé da escada pelo Presidente Sarney e sua mulher, Marly, que a acompanharam nos cumprimentos às autoridades presentes, entre as quais, o Governador do Rio de Janeiro, Leonel Brizola, os presidentes do Senado e da Câmara, Senador José Fragelli e Deputado Ulysses Guimarães, o presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Ministro Moreira Alves, e o decano do Corpo Diplomático, o Núncio Dom Carlo Furno.

Em uma cerimônia silenciosa onde só se ouviam os passos da guarda de honra que conduzia o esquife, o corpo do Presidente Tancredo Neves foi colocado no alto do carro de combate Urutu, que deixou a Base Aérea às 10h50m, seguido por um cortejo oficial composto por 21 veículos. O carro do Presidente Sarney era o terceiro da fila, precedido pelos do Arcebispo de Brasília, Dom José Falcão, e do Cardeal Arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns. Dona Risoleta, que tinha um carro reservado apenas para ela, o quarto da fila, por sugestão do Presidente Sarney seguiu com ele e dona Marly, no carro presidencial.

A saída da Base Aérea, milhares de motocicletas, carros, bicicletas e populares tomaram conta da pista, atrasando o cortejo. Os primeiros 10 quilômetros, até a entrada do Eixo Rodoviário, foram percorridos em duas horas.

Das janelas, sobre as árvores, nos telhados dos prédios e ao longo do Eixo Rodoviário, o último adeus ao Presidente. Muito amarelo nas roupas, bandeiras nos ombros ou pendendo dos edifícios. O cortejo seguiu lento, acompanhado pelo povo a pé, de bicicleta, patins, motos. Muitas pessoas, principalmente as mais jovens, se arriscaram a uma carona nos estribos do blindado.

Para compensar a perda de tempo, o Urutu passou a desenvolver maior velocidade a partir da Superquadra 206 Sul, onde morava o Presidente Tancredo Neves, e chegou ao Palácio do Planalto exatamente às 17h40min, coberto de flores que foram atiradas por populares ao longo do trajeto.

"Negócio mal feito", "malprogramado", diziam os Josés, Antônio, Marias que desde o meio-dia se concentravam na Estação Rodoviária de Brasília. Explodiam num protesto contra a velocidade com que passou o cortejo fúnebre do Presidente Tancredo Neves, às 17h30min. "É injustiça", gritou alguém, que completou: "Não é ninguém do Exército que morreu. É um representante do povo".

Eram exatamente 11h10min quando sirenes abafaram os motores de ônibus na rodoviária. Agradailton Rodrigues Figueiredo, 11 anos, um dos muitos meninos que lá ganham a vida engraxando sapatos, foi o único a correr. Locomoveu-se grotescamente, prejudicado por um defeito físico numa das pernas.

Ele ficou observando à distância a distribuição dos policiais militares. Tinha medo da polícia. Mas ficou. "Não tem aula hoje porque ele morreu. Do jeito que ele gosta muito de criança, ele deu feriado", disse. As 11h25min, viu passar os dois Urutus que conduziram o esquife. Desconcertado, indagou: "É preciso canhão?"

Agradailton, que saiu cedo de sua casa em Ceilândia, sem café da manhã, esqueceu o almoço e, decretando ele próprio seu feriado, pendurou a caixa de engraxate num dos ombros e se misturou à multidão. O feriado também foi decretado pelo pintor Raimundo Rodrigues, 50 anos, de Sobradinho. "Hoje caiu a mesma esperança do Getúlio", justificou.

Mas a maior reverência foi uma manifestação política. Protegidos do sol por uma imensa Bandeira do Brasil, o povo que caminhava na contramão, indo ao encontro do cortejo, parou defronte à rodoviária. Eram 14h5min, a bandeira foi esticada no chão, enquanto se cantava o Hino Nacional. No final, quando alguém quis ensaiar palmas, diluíram-se todos os ruídos e fez-se um minuto de silêncio. A caminhada foi reiniciada, com bandeira içada no próprio povo. "O povo unido jamais será vencido", "O povo na rua, a luta continua", proclamavam em uníssono.

## Dobram os sinos

Às 11h45min, Márcio Panicet, engenheiro eletrônico de 56 anos, um dos técnicos que tentara em vão consertar o sino da Catedral, repetiu o mesmo gesto que fez no dia 15 de março: escalou as estruturas metálicas de cerca de 40 metros, chegou ao campanário e começou a tocá-lo. Só parou três horas depois, para um ligeiro descanso de 30 minutos. Recomeçou sua prova de esforço. Foi sua homenagem ao Presidente Tancredo Neves.

Panicet foi auxiliado por quatro populares que, duas horas depois de ele ter começado a badalar o sino, subiram à torre. O vigário da Catedral, padre Ceslau, tentou desestimular Panicet, mas foi em vão. Às 17h34min, quando o cortejo passava em frente à catedral, três dos quatro sinos, que juntos pesam oito toneladas, estavam dobrando seu adeus a Tancredo Neves.